

Maricã, Marilá e Maricolá

MARIA HELOÍSA PENTEADO

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior.

Maricá, Marilá e Maricolá

© Maria Heloísa Penteadó, 1994

Gerente editorial	Claudia Morales
Editora	Lavinia Fávero
Editora assistente	Thaíse Costa Macêdo
Diagramador	Claudemir Carmargo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Cláudia Cantarin, Flávia Yacubian
Projeto gráfico	Paola Nogueira
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Editoração eletrônica	Paola Nogueira
Tratamento de imagem	Cesar Wolf, Fernanda Crevin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P473m
3.ed.

Penteadó, Maria Heloísa, 1919-
Maricá, Marilá e Maricolá / texto e ilustrações Maria
Heloísa Penteadó. – 3.ed. – São Paulo : Ática, 2011.
64p. : il. - (Fuzuê)

ISBN 978-85-08-14668-0

1. Feiticeiras - Literatura infantojuvenil brasileira.
I. Título. II. Série.

11-1951 CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 14668-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 14669-7 (professor)
Código da obra CL 737879
CAE: 265461

2014
3ª edição
2ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1996
Avenida das Nações Unidas, 7221 - CEP 05425-902 - São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Maricá, Marilá e Maricolá

texto e ilustrações

MARIA HELOÍSA PENTEADO



Alguns segredos das bruxas

Histórias de bruxas talvez você já conheça muitas, mas nenhuma como a destas três irmãs. Maricolá é a mais nova e não quer saber de bruxices. Onde já se viu não gostar de bolinhos de tripa de lagartixa? Ou usar vestido cor-de-rosa? E, o pior de tudo, ser bonita? “Bruxa tem que ser horrorosa!”, vivem lhe dizendo Maricá e Marilá. Um dia, as duas ficam irritadas pra valer, falam as palavras mágicas e então... Ah, isso você vai descobrir virando a próxima página.

O que vamos contar aqui é um segredo: existe também uma quarta irmã, que na verdade é criadora dessas bruxinhas. Ela se chama Maria Heloísa, e seu poder é o mais fantástico de todos: inventar histórias que nunca deixam de conquistar leitores.

A história de Maria Heloísa

Ela nasceu em Araraquara, interior de São Paulo, em 1919. Quando criança, se deliciava com as peripécias da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato. E a paixão pelos livros foi crescendo junto com a menina. Já adulta, fez magistério e deu aulas para crianças. Mas não por muito tempo. Do amor pelos livros havia crescido um gosto enorme por inventar histórias. No início dos anos 1950, Maria Heloísa decidiu enviar suas criações para o jornal *O Estado de S. Paulo*. O editor gostou do material e passou a publicá-lo na *Seção Feminina*. O sucesso foi tanto que, três anos depois, Maria Heloísa concebeu e passou a dirigir a *Página Infantil* da mesma publicação.

Na *Página Infantil*, a autora fazia adaptações de contos folclóricos, criava brincadeiras e publicava histórias ilustradas por ela mesma. Artista autodidata, na década de 1950 resolveu estudar pintura e gravura. Com seus trabalhos, participou de vários salões de Artes Plásticas e foi bastante elogiada pela crítica especializada. Entre outros



Arquivo pessoal

Maria Heloísa Pentead, a criadora das bruxinhas.



reconhecimentos, recebeu o Prêmio Aquisição, em 1955 e 1957. Também publicou seus primeiros livros para crianças na mesma década: *Pedacinho do céu*, *O anãozinho barbudo* e *A lagartinha chorona*.

Com a extinção da *Página Infantil* em 1968, Maria Heloísa começou a traduzir artigos para o *Suplemento Literário* do jornal. E diversas outras criações suas viraram livro — dentre elas os clássicos *Lúcia Já-Vou-Indo* (1978) e *No Reino Perdido do Beleléu* (1981), ambos da Ática. Sua produção, sempre muito premiada, estendeu-se a traduções e adaptações de histórias infantis, incluindo clássicos como os contos dos Irmãos Grimm.



Arquivo pessoal

Maria Heloísa sempre gostou de contar histórias.

O nascimento das bruxinhas

Maricá, Marilá e Maricolá foi publicado pela primeira vez em livro no ano de 1981, pela editora Pioneira. Em 1996, veio a edição da Ática, com ilustrações de Cláudia Scatamacchia. A obra, como é característico nas criações de Maria Heloísa Penteadó, desafia as convenções e, com muito bom humor, desmitifica medos impostos aos pequenos. Ao mesmo tempo, valoriza o que é caro às crianças de todas as gerações — a singularidade de cada um. E talvez esse seja o ingrediente essencial que torna as narrativas de Maria Heloísa Penteadó sempre atuais.

Em 2011, as bruxinhas *Maricá, Marilá e Maricolá* completaram 30 anos. Nesta edição, com projeto gráfico renovado e ilustrações originais da autora, comemoram-se essas três décadas de sucesso. O convidado principal desta festa é você, leitor. Divirta-se!

Os editores



© Editora Pioneira

Primeira edição de Maricá, Marilá e Maricolá, de 1981.



© Editora Ática

Edição de 1996, já pela editora Ática.

CASA DAS BRUXAS.
MUITO BOA SÓ PRA QUEM
NÃO FAZ QUESTÃO DE LUXO,
NÃO TEM MANIA DE LIMPEZA,
TEM MEIO DE LOCOMOÇÃO
PRÓPRIO (VASSOURA VOADORA
OU HELICÓPTERO) E NÃO
SOFRE DE VERTIGEM
DAS ALTURAS.



VILAZINHA ONDE
MORA ALGUÉM
QUE GOSTA MUITO
DE MARICOLÁ



PRAIA DO
MAR-VIRADO,
A PREFERIDA
DAS BRUXAS

... aqui, bem no
fundo da água,
moram umas
series muito
simpaticas

**Lá em cima de tudo
o fim do penhasco
assustando as estrelas
penduradas no espaço**



Era uma praia triste a Praia do Mar-Virado. Gente, nunca se via por ali. Crianças brincando na areia, também não. E que de outra forma podia ser, com aquele mar sombrio, arrepiado, e suas ondas furiosas sempre a gritar:

— Olha que eu te pego!

E lá no fim da praia, o penhasco negro erguendo-se para o céu, tão alto, tão alto, que às vezes as nuvens escondiam o seu cimo. E sua sombra fria, quando à tarde o Sol se punha, estendia-se longe, varria a praia de uma ponta a outra. Subir naquelas alturas, só mesmo de helicóptero.

Era o Penhasco Quebra-Pescoço. No alto dele moravam três irmãs: Maricá, Marilá e Maricolá. Eram bruxas. E quem, a não ser bruxas, iria morar num lugar assim tão desolado? No chão de pedra dura, apenas um punhadinho de capim numa ou noutra fenda onde o vento largou um pouquinho de terra. Havia também uma pobre árvore retorcida, e como conseguiu crescer ali era um mistério.

A casa delas era um deus nos acuda. Uma choça escura, torta para um lado, cai não cai, e por que não caía era outro mistério. Do lado do nascente, que era também o lado do mar, ficava a porta baixinha e estreita. Para entrar e sair, as bruxas eram obrigadas a se curvar. E a parte de trás da cabana acabava rente à beiradinha do penhasco que descia

num despenhadeiro até a praia, tão lá embaixo, tão longe, que gente e bichos, vistos lá de cima, pareciam formiguinhas.

Do lado do mar, suas escuras encostas eram incessantemente batidas por ondas altas e furiosas. O mar ali era perigoso e o que as bruxas não sabiam é que, de dia, a fumaça de sua chaminé e, à noite, a luz de sua cabana serviam de farol para os pescadores que jamais se aventuravam por aquelas bandas.

Nem por isso, Maricá, Marilá e Maricolá viviam isoladas e se aborreciam. De jeito nenhum! Um casal de urubus, gente muito animada, tinha o seu ninho bem ao lado da casa delas. Gaviões, gaivotas e andorinhas-do-mar aportavam naquelas alturas para descansar e bater um papinho. Além disso, moravam com elas cinco morceguinhos, uma tartaruga chamada Celeste, um corujão chamado Moscatel e um gato que devia ser preto mas não era. Era branco e se aborrecia bastante com isso. Quando reclamava, as bruxas diziam: “Um dia vamos fazer um feitiço e você vai ficar mais escuro que fundo de poço”. E por causa desse dia, o chamavam de Negrume.

Visita de gente não recebiam. Mas, como era isso mesmo o que queriam, estava tudo muito bem. E se gente não podia subir até lá, subir e descer não era problema para as bruxas. Inda mais bruxas jovens como eram — uma tinha vinte anos, outra dezoito e a caçula dezesseis. Com as vassouras voadoras iam para onde queriam, voltavam quando bem entendiam, e até que eram bem passeadeiras. Se alguém se desse ao trabalho de ir à praia lá pela meia-noite, havia de encontrá-las, elas e mais o gato Negrume, catando mariscos entre as pedras, tomando banho de mar, perseguindo siris, ou simplesmente deitadas na areia, de nariz para cima, contando as estrelas.

Aos sábados, iam ao Baile dos Bruxos. Às quintas-feiras, recebiam as amigas bruxas e serviam um chá de algas secas com bolinhos de tripa de lagartixa.

Havia também o Grande Festival Internacional dos Bruxos, realizado uma vez por ano num local secreto da Terra do Fogo, com muita música, dança e rebuliço.

Podia-se dizer que eram três bruxas felizes. Isto é, quase felizes... a mais nova, a Maricolá, era uma preocupação para as outras duas, que estavam sempre ralhando, aconselhando e implicando com ela. Motivo: Maricolá não estava bem dentro dos moldes de